



A construção da narrativa a partir da repetição e diferença: uma análise sobre o programa Sai de Baixo ¹

Ana Paula LIMA ²
Raquel SANTANA ³
Thaís RIBEIRO⁴

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo:

O nosso objetivo neste trabalho é analisar como a nova temporada de Sai de Baixo estruturou e organizou sua narrativa visando dar continuidade ao seu enredo depois de um intervalo de 11 anos sem o programa. Nosso interesse aqui é entender, em termos de narratologia, o que constrói a nova temporada, identificando o que ela traz de identidade e diferença em relação ao seu programa piloto.

Palavras-chave: Humor ; Mudanças; Narrativa; Sai de Baixo;

Introdução

Após onze anos fora do ar, o programa sai de baixo, considerado um dos programas de humor, mas bem sucedidos da história da televisão brasileira, conseguindo de acordo com informações divulgadas pelo site planeta tv, bater até 40 pontos no IBOPE em uma época onde por muito tempo a globo (campeã do IBOPE durante toda semana) era desbancada pela programação dominical do SBT, que arrancava a simpatia e atenção do público com o programa “Topa tudo por Dinheiro”, voltou a fazer parte da grade de programação da rede globo, desta vez sendo exibidos em quatro episódios, intitulados “Tudo será como antes”, “Quem casa quer Caco”, “O menino do Adeus” e “Bolão do Vavá”.

Idealizado pelo ator Luis Gustavo e o diretor Daniel Filho, seu sucesso sempre foi atribuído ao fato de conseguir produzir um humor diferente de programas como o **Chico Total** (que não se diferenciava do formato comum dos programas criados pelo

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante do 8º semestre de jornalismo da Universidade Federal da Bahia, email: alpaulalima@gmail.com. Aluna líder.

³ Estudante do 8º semestre de jornalismo da Universidade Federal da Bahia, e-mail: raquelsantana38@gmail.com.

⁴ Estudante do 8º semestre de jornalismo da Universidade Federal da Bahia, e-mail: thais_sribeiro@hotmail.com.



Chico Anysio, narrando histórias divertidas e diferentes de seus famosos personagens) e o programa **Casseta e Planeta** (que criava o seu humor baseando-se na construção de sátiras do cotidiano), pois era construído e apresentado num formato de peça de teatral, herdado de grandes programas da década de 60, a exemplo da imortal “Família Trapo”.

A sua volta, fruto de um projeto em comemoração aos três anos do Canal Viva (lançado no canal fechado, para lembrar grandes criações da tv), trouxe consigo uma sensação de saudosismo por parte dos telespectadores mais experientes. A sitcom voltou, ocupando um espaço que lhe pertenceu de 1996 até 2002, e o programa que desde o início foi exibido depois do Fantástico, retornou com seus personagens que marcaram a década através do seu humor feito em formato teatral.

Sai de Baixo, retorna às telinhas em três de novembro de 2013 e sua passagem, mesmo rápida, acabou por levantar uma pergunta cuja resposta será a busca central deste trabalho: Como, após um intervalo de 11 anos, o programa foi capaz de se reestruturar e organizar sua narrativa de forma que seu enredo conseguiu manter-se sem alterações significativas? Para tanto, utilizaremos como apoio a escrita de Osmar Calabrese, no celebre texto intitulado Ritmo e Recepção, Além de consultar os escritos de Jason Mittel, mais precisamente o seu texto sobre complexidade narrativa na televisão americana contemporânea.

Justificativa

Escolher debruça-se por este tipo de produto não é uma tarefa fácil, pois é preciso construir uma análise com um olhar de quem viveu a experiência receptiva do programa em 1996, e ao mesmo tempo ser capaz de interpretá-lo com as experiências televisivas adquiridas mais de uma década depois. Mesmo assim, essa busca pela indagação central do trabalho, proposta no início, surge por perceber que o programa mesmo depois desse longo intervalo, não perdeu características fundamentais dos seus personagens. Por essa razão, faz-se necessário, buscar compreender através do próprio programa, como se dar essa dinâmica da condução narrativa estabelecida por ele, que é capaz de provocar as mesmas sensações dos episódios exibidos em 1996, num público que o acompanhou fielmente, desta vez num tempo e espaço completamente diferentes da época em que foi apresentado pela primeira vez.



Tentaremos entender as suas práticas de produção, entender o que essa pequena, porém significativa temporada traz do seu conteúdo original, para ser capaz de continuar cativando seus admiradores, e o que traz (se traz) de novo para não desagradar um público diferente.

Por essa razão, não deixaremos de levar em consideração as mudanças que o programa sofreu ao longo dos anos, como por exemplo, a troca e saída de atores e fatores que caracterizam o programa como jargões, piadas e relação dos personagens com o público. É preciso deixar claro, que tal análise parte da observação e identificação das características centrais da narrativa da sitcom apresentada em 2013, comparada ao seu programa piloto, programa este que apresenta de forma bastante significativa, características que serão usadas e lapidadas pelo produto durante os oito anos em que este no ar.

Análise

Apesar dos 11 anos sem ser exibido, não houve mudanças drásticas na condução narrativa do Sai de Baixo. O seriado teve que se adaptar, é claro, às mudanças socioculturais, principalmente para englobar as mudanças culturais observadas na sociedade brasileira, sem esta atualização algumas piadas poderiam perder o sentido, mas a estrutura básica do programa se manteve.

Replicando uma fórmula que deu certo, os quatro novos episódios retomam e utilizam as “velhas” formas para satisfazer o que Eco denomina de *consolador*, “porquanto assegura o sujeito, fazendo-o encontrar aquilo que já sabe e a que está habituado” (apud Calabrese, p.48, 1988), uma das estratégias de manter o engajamento e a fidelidade do telespectador. O cenário, que é marcante para a série, e, sem ele não é possível o desenrolar das histórias, volta redecorado, mas com a mesma força de único espaço em que a trama realmente acontece. A repetição dessas fórmulas, é apontada por Calabrese, como parte de uma estética da repetição: “chamam-se de repetições, de fato, não só as continuações das aventuras de uma personagem, mas também os recursos semelhantes da história, como os temas ou os cenários-tipo.” (CALABRESE, p.44, 1988.)



No programa piloto “A Festa de Babeté”, e no primeiro episódio da temporada especial de 2013, “Tudo Será como Dantes”, que também é uma espécie de piloto, Cassandra, umas das personagens, ao entrar no apartamento, após 11 anos fora, já que seu irmão Vavá tinha perdido a propriedade do imóvel (esses 11 anos foi o período em que a série ficou sem ser exibida na Globo), diz: “meu Deus, está tudo no mesmo lugar. O velho apartamento do Arouche!”.

Em outro momento, Cassandra fala: “desde que eu saí deste apartamento, eu fui ladeira abaixo”. Podemos perceber a importância que o mundo ficcional dos personagens, o mundo possível deles, só existe quando o apartamento pertence à família, ou a algum agregado (como acontece no primeiro episódio do especial, em que a empregada é a nova dona do imóvel). Esta última atualização também reflete o contexto cultural em que vivemos, ou seja, com a melhora no poder aquisitivo das classes C e D, o que de certa maneira, torna possível o enriquecimento da empregada.

As narrativas são comparadas à música, à medida que são temporais. Isso quer dizer que seus padrões formais, ou seja, a repetição e a inovação são percebidas no tempo. “A simples presença de elementos destacados já atira nossa curiosidade, nos prepara e nos faz ansiar pelos “cristais” da repetição” (CANINI, p 208. 2004,). E numa série de comédia, isso acaba sendo mais presente e necessário, com a utilização dos jargões e ganchos que têm a pretensão de gerar o riso. Em Sai de Baixo, mantiveram-se os: “cala a boca, Magda”, por conta das bobagens que a personagem fala. “Poxa, que coxa”, fazendo alusão à sua boa forma física, e “Eu tenho horror a pobre”, que é autoexplicativa. Todos utilizados na sua maioria pelo personagem Caco Antibes, um rapaz boçal, que apresenta sua ascendência dinamarquesa como sinal de status, apesar de viver de golpes.

Tanto o “Cala boca Magda!” quanto o “Eu tenho horror a pobre” funcionam como fechamento da conclusão de um momento marcadamente reservado para o humor (nas duas temporadas em análise) não que as piadas vão se encerrar ali, mas as falas de Magda já pressupõem que sempre serão encerradas com o jargão, proferido por Caco, ou um outro personagem. Esta repetição funciona de modo parecido com Caco, as frases dele sobre como é ruim ser pobre, funcionam também como um momento marcadamente humorístico e cria no telespectador a expectativa da frase final: “Eu tenho horror a pobre.” Os elementos como os jargões, o cenário bem como a



caracterização dos personagens ajudaram a “costurar” a narrativa do seriado, a manutenção deles nesta segunda temporada contribui para a fidelização do público que acompanhou as temporadas anteriores e para dar a continuidade narrativa do programa.

Também permanecem no texto as brincadeiras em relação ao cabelo e a pele de Cassandra. Observamos que esse gancho seria vazio se não tivesse relação com os outros episódios da série ou com a vida “real”. No episódio o “Garoto do Adeus”, por exemplo, Cassandra fala da possibilidade de fazer uma plástica. Caco a indaga se agora é que ela se deu conta dessa necessidade. No meio da cena, a atriz Araci Balabanian chama o ator Miguel Falabela e faz um desafio: vamos apostar quem aplicou mais botox? Eles investem num humor que vai além da encenação, apostando no conhecimento anterior dos telespectadores que sabem que pela idade e aparência, tanto Miguel como Araci já fizeram diversos “procedimentos estéticos”, este comportamento não está presente no programa piloto, mas é forte na temporada 2013, evidenciando a intimidade que o público já tem com a trama. É esta intimidade proporciona uma nova forma de construção do humor no programa. Os atores não precisam “enganar” o público sendo sempre personagens, muito pelo contrário, utilizando-se da proximidade que o público já possui com eles e como a própria narrativa do programa, os atores improvisam o texto, antecipam acontecimentos da narrativa e nem por isso a plateia se sente frustrada.

Outro fator interessante é que na temporada 2013 em todas as primeiras vezes em que os personagens iriam entrar em cena tocava uma música de fundo. Cria-se uma expectativa no público que nunca é frustrada, a plateia sabe que vai entrar alguém, a hora que irá entrar e qual será basicamente as piadas proferidas por cada personagem, mas nem por isso o humor é ausente, muito pelo contrário, o riso muitas vezes surge da satisfação da expectativa do público. Os autores constroem o riso a partir do que Canini, 2004, define como antecipação, ou seja, as pistas do que vai acontecer, piadas ou impactos dramáticos de efeito retardado.

As antecipações ainda são um fator forte na narrativa. No primeiro programa por exemplo Vavá relata, enfaticamente, que odeia a família porque eles são um bando de malucos, a frase deixa o telespectador ansioso para conhecer os outros integrantes da família o que acontece logo em seguida. Outro fator é que em um dos episódios a mãe de Caco vai visitá-lo. Caco fala claramente que para a mãe chegar, ele precisa sair de



cena, já que a mãe é também interpretada por Miguel Farabela. Dessa forma, o público fica sabendo o que vai acontecer após Caco sair, da mesma maneira que a chegada da família fica subentendida depois da fala de Vavá no programa piloto.

Com esse tipo de construção do riso, eles escapam do que Cannito chama de “perigo do Simbolismo”, que é a utilização de falsas facilidades, a utilização da repetição apenas para gerar o riso, sem se preocupar com uma construção mais elaborada da narrativa.

Mas nem tudo é repetição, a articulação entre tempo cronológico e tempo dos acontecimentos, por exemplo, possibilitou no caso do seriado que o personagem Vavá fosse enxergado de uma forma diferente nesta última temporada. Pois neste caso o tempo cronológico coincidiu com o tempo dos acontecimentos, os personagens envelheceram de fato 11 anos, tempo que o programa não foi exibido. A representação de Vavá como homem viril, se tornou insustentável, pois os o fator tempo, passa a influenciar a narrativa.

“... Digamos agora que o conceito de repetição se articula melhor conforme os parâmetros postos em jogo. Nem sequer se poderia falar em repetições, de resto, senão despedaçando a rede de modelos com a qual analisamos os fenômenos, que é precisamente através daquela rede que se tornam não já indivíduos localizados, mas sim estados de coisas abstratos, utilizados como padrões.” (CALABRESE, p.44, 1988).

No primeiro, a série já começa com Vavá deitado no sofá com uma mulher mais jovem que ele. Nos diálogo seguinte com a empregada da casa, essa característica de ‘pegador’ fica mais clara. Já no episódio o “Garoto do Adeus”, Vavá é alvo de piadas referente à sua condição sexual e desilusões amorosas, o que revela que o tempo passou e junto com o tempo a sua virilidade.

Um fato interessante é que por serem temáticos os episódios de Sai de Baixo estruturam-se a partir de elementos referentes ao tema abordado, seja um objeto ou um história, que por vezes parece ser esquecida durante o episódio, mas que interliga todos os acontecimentos de forma direta ou indireta. No programa intitulado “O Bolão do Vavá”, por exemplo, já no início temos Vavá com o bilhete na mão escolhendo os números que vão fazer parte da aposta, o telespectador percebe que aquele bilhete vai ter um papel fundamental para o desenrolar da trama, mas ao longo do seriado outros



temas são abordados e a questão do bilhete aparece vez ou outra como forma de costurar as histórias do episódio. Fator que Canini, 2004, vai chamar de objeto de desejo, o que segundo o autor teria a função de sustentar o suspense e reunir em torno de si as relações dos personagens, fornecendo, assim, uma base para que as relações dramáticas (o amor entre o mocinho e a mocinha, ou outras bem mais complexas que você pode criar) possam se desenvolver.

Por fim, o seriado Sai de Baixo, não é uma narrativa complexa, com base no que Mittel aponta. Basicamente, para o autor, para uma série ser complexa, deve rejeitar o fechamento da trama em cada episódio, “privilegiando estórias com continuidade e passando por diversos gêneros” (MITTEL, p. 2012). Apesar dos arcos curtos e a série ser episódica, os personagens fazem menções a episódios anteriores. Encenado como uma peça de teatro onde o público faz intervenções e os atores muitas vezes riem em cena, improvisam o texto e se dirigem diretamente a plateia, o seriado global agradou a vários telespectadores, o que os 11 anos em exibição e a nova temporada de 2013 comprovam.

Conclusão

Mesmo após onze anos, o programa Sai de Baixo manteve características importantes de significação do programa, a exemplo da proposta teatral de interação com público, talvez até mais do que nas antigas temporadas, das falas dos personagens e, do modo como se portam.

Na nova temporada, a série exibe mais características do sitcom, no primeiro episódio da série eles falam sobre o alto preço do tomate, fato marcadamente atual. Outro exemplo é a empresa de Vavá, Vavatour, ter ido à falência por conta do uso da internet pelos clientes que não precisam mais de um intermediador nas viagens, conseguem resolver tudo pela rede.

Os novos episódios do Sai de Baixo também interagem mais com a plateia, em alguns momentos a câmera fica bem próxima do público, ou focaliza em algumas pessoas, causando um efeito de peça teatral.

Os personagens também já apresentam uma relação de tempo-cronológico com suas representações no programa. Em alguns momentos da série os personagens fazem piadas com relação à idade, a perda da virilidade, no caso do episódio “O garoto do adeus” em que Vavá passa de mulherengo a um solteirão.



Apesar de não perder o jargão, Caco diminuiu a utilização do uso do termo “Eu odeio pobre”, em outros episódios a frase era utilizada com mais frequência e às vezes de forma bastante ofensiva com a classe social.

De um modo geral foram preservadas as principais características do programa, sendo necessário a atualização de temas e relação com o atual para causar mais identificação com o telespectador.

Nos primeiros anos da série, o Sai de Baixo foi sucesso de público e conquistou fãs que continuaram assíduos na temporada de 2013. O que não pode deixar de ser ressaltado é o fato da série, apesar de passar mais de uma década sem apresentações de episódios continuou agradando o público.

Referências Bibliográficas:

CALABRESE, Omar. Ritmo e Repetição. In: A idade neobarroca. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

CANNITO, Newton; SARAIVA, Leandro. Manual de Roteiro ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV. Editora: Conrad, 2004.

MITTEL, Jason. Complexidade Narrativa na Televisão americana contemporânea. In: Matrizes, anos, pau-ju. 2012. São Paulo.

ZANETTI, Daniela. Repetição, serialização, narrativa popular e melodrama. 2009. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/109/175> Acesso em 24 de Janeiro de 2014.

Disponível em: <http://oplanetatv.clickgratis.com.br/colunas/bau-da-tv/o-auge-e-a-decadencia-do-sai-de-baixo.html> Acesso em 26 de janeiro de 2014.

Disponível em: <http://canalviva.globo.com/programas/sai-de-baixo/> Acesso em 25 de janeiro de 2014.

Disponível em: <http://memoriaclassica.blogspot.com.br/2012/05/programas-de-humor-dos-bons.html> Acesso em 25 de janeiro de 2014.



Disponível em:

<<http://www.adorofisica.com.br/trabalhos/fis/equipes/televisao/historiatvbrasil.html>>

Acesso em 25 de janeiro de 2014.

